

A HISTÓRIA DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS POR ELA MESMA (A LINGUAGEM DA CIDADE)

João Rodolfo Nunes Machado¹, Valéria Zanetti²

¹UNIVAP/ Curso de História / Instituto Superior de Educação: Rua Tertuliano Delphim Jr, 181, Jardim Aquários, São José dos Campos, SP..

²UNIVAP/ Laboratório de Pesquisa e Documentação Histórica/ IP&D, Avenida Shishima Hifume, 2911, Urbanova/ SJCampos, SP
joaornmachado@ig.com.br, vzanetti@univap.br.

Resumo – O estudo procura perceber a cidade de São José dos Campos além dos elementos que ela nos evidencia, tais como seus monumentos, bustos, traçados de ruas e arquitetura. Procura-se desvendar sua história a partir de elementos que passam despercebidos. Olhar a cidade de São José dos Campos sob a ótica dela mesma, desnudando-a através de seus símbolos e espaços socialmente construídos é o que buscamos analisar.

Palavras Chave: História, modernidade, espaços, cidade, São José dos Campos.

Área de Conhecimento: Ciências Humanas.

Introdução

Este trabalho pretende, com um olhar subjetivo e particular, procurar respostas a alguns questionamentos sobre o lugar onde nasci.

Através da leitura dos elementos do lugar (a cidade), tentar-se-á desvendar, resgatar, a história e a memória de São José dos Campos. Para que isso aconteça, é necessário dar voz à cidade, entendê-la a partir do que ela evidencia e também do que deixa subentendido.

Esta viagem através do tempo e da história de São José dos Campos foi impulsionada pela leitura da obra de Ítalo Calvino intitulada “As cidades invisíveis” (1990), onde o autor procura identificar, através do olhar de um viajante, o famoso viajante veneziano Marco Pólo, as várias percepções que o mesmo tem das cidades percorridas em sua longa viagem:

“Não se sabe se Kublai Khan acredita em tudo o que diz Marco Pólo quando este lhe descreve as cidades visitadas em suas missões diplomáticas, mas o imperador dos tártaros certamente continua a ouvir o jovem veneziano com maior curiosidade e atenção do que a qualquer outro dos seus enviados ou exploradores”. [1]

De olhar aguçado, o viajante procura desvendar as histórias das cidades que passam despercebidas pelos habitantes; e foi através

dessa leitura que surgiu o interesse de olhar a cidade de São José dos Campos sob a ótica dela mesma, desnudando a cidade a partir de seus símbolos e espaços socialmente construídos.

Entender como se deu a construção do espaço urbano: suas heranças e suas atuais conformações tornam-se questões cruciais para o entendimento da cidade como linguagem.

Em seu trabalho “Por uma nova história urbana”, o historiador geógrafo Bernard Lepetit coloca a questão da seguinte forma:

“As casas e os espaços de trabalho, os edifícios públicos e a rede viária, as maneiras de viver e de morar, a organização técnica da produção e da troca, as formas de divertimento e a geografia dos espaços de lazer, sempre provêm, em sua maior parte, do passado...” [2]

Desta forma, entender as sobreposições de elementos; do passado e do presente; e que existem outras cidades (invisíveis?) dentro da mesma São José dos Campos é o nosso desafio. Trazer à memória, através do resgate dos símbolos esquecidos da cidade, o seu passado, é fundamental para a compreensão do presente e assim, conseqüentemente, projetar-se o futuro.

Materiais e Métodos

A proposta de análise insere-se na discussão em torno da História social, cuja linha de investigação se aproxima da História Cultural, tratando da representação da cidade através das imagens e símbolos.

É de fundamental importância a utilização de conceitos como modernidade, espaço urbano, paisagem urbana, memória.

O trabalho segue-se, basicamente, através da análise dos elementos do lugar (ruas, praças, construções arquitetônicas), que no caso se configurariam como minhas fontes primárias, e utilizando-se principalmente do estudo dos espaços urbanos, vistos enquanto elementos capazes de informar a respeito da história das cidades.

É importante se atentar para algumas proposições sobre como proceder a uma "leitura" desses espaços, especialmente as referentes à abordagem semiótica e a antropológica.

Discussão

A analogia que se pretende desenvolver neste trabalho de leitura da cidade de São José dos Campos através de seus elementos socialmente construídos segue uma tendência de leitura das cidades a partir de um texto. Segundo Anny Jackeline Torres Silveira, em artigo publicado acerca da leitura das cidades:

"o estudo dos espaços, seus usos, seus significados, e, em especial, o debate a respeito da memória e do patrimônio estão, muitas vezes, permeados por esta visão que toma a cidade como um texto, no qual os homens imprimem simbologias e significados diversos. Texto a ser decifrado, e a partir do qual se torna possível acompanhar uma ou várias histórias. A vida de uma cidade se dá a ler em suas ruas, suas praças, suas casas, edifícios. Ela está impressa em cada um desses lugares".[3]

De acordo com Lucrécia d'Aléssio Ferrara, "essa noção de cidade como um texto pode ser pensada a partir de alguns discursos incorporados ultimamente pela análise histórica.

A influência de estudos de semiótica é tomada enquanto uma lógica possível para nortear o estabelecimento, a organização e a decifração das

informações e mensagens contidas nos signos presentes na cidade. Como instrumento de análise da linguagem que é impressa pelos autores urbanos no espaço das cidades. As significações que lhe são subjacentes. As leituras e releituras que a ocupação e o uso desse mesmo espaço permitem".[4]

Outra contribuição significativa acerca desta leitura, diz respeito à abordagem antropológica, que nos permite uma compreensão dos espaços construídos e a interação dos mesmos com os agentes urbanos, ou seja, os habitantes das cidades.

Segundo Massimo Canevacci, "a abordagem antropológica também busca identificar e compreender os signos e as simbologias presentes no espaço urbano. O que eles comunicam. Como se processam e se definem o diálogo e as relações estabelecidos entre os habitantes e os lugares, seus códigos, seus significados. As representações construídas pelos homens a respeito desses lugares da cidade. Que redes de significações une, ou interliga o conjunto fragmentário de diferentes ações, sentimentos e percepções dos atores a esses espaços".[5]

As diferentes abordagens, tanto a semiótica como a antropológica, convergem no sentido de contribuir com a abertura e a preocupação da análise histórica em buscar ampliar o campo de seus objetos de pesquisas, no reconhecimento da complexidade da organização social, assim como das suas possíveis abordagens, na inclusão de novos sujeitos sociais como agentes do processo histórico, e na tentativa de buscar compreender como eles organizam suas experiências.

É ainda no rastro dessas preocupações, e das novas formas de tratamento e percepção da sociedade, que as discussões sobre a memória e patrimônio são alçadas para o centro da discussão histórica, constituindo-se em importantes ferramentas de análise e debate sobre as cidades. No caso específico da cidade de São José dos Campos, objeto direto de minhas observações e estudo, esta leitura a que proponho fazer, se dá através de seus respectivos elementos (construções arquitetônicas, praças, ruas, avenidas) que formam, desta feita, a paisagem urbana. Elementos exemplificados no complexo do

Sanatório Vicentina Aranha, no espaço da Praça Afonso Pena, no edifício do Teatro São José, nas Palmeiras Imperiais localizadas ao longo da avenida João Guilhermino.

A arquiteta Paula da Cruz Landim, em seu trabalho sobre o desenho da paisagem urbana, afirma que “a cidade, pela sua paisagem, é então, para quem vive nela, uma fonte de percepção por meio dos elementos que a compõem”. [6]

Sendo desta forma, a compreensão sobre a composição do espaço urbano joseense passa pela compreensão da sua paisagem, a cidade, segundo Landim:

“A cidade é uma das resultantes da ação da sociedade sobre o meio físico. Ao produzir e utilizar o espaço urbano, este se configura numa espécie de retrato, um espelho no qual a sociedade é refletida. Ou seja, sua história, sua cultura, seu meio de produção, seu estágio técnico e tecnológico, a divisão de classes, a luta pelo poder, entre outros fatores, estão espelhados na configuração espacial da cidade”. [6]

Porém, se faz necessário frisar que, como sendo a cidade uma resultante de agentes econômicos, sociais, técnicos e culturais que a produziram, em um determinado tempo e contexto, a mesma está sujeita a alterações em sua paisagem, de acordo com a necessidade do momento.

É o que se constata ao deparar-se, ao longo de sua história, as constantes mudanças que São José dos Campos vivenciou desde a sua fundação.

De início, uma pequena província sem importância econômica e política na região, aí veio a tuberculose e a Cidade Sanatorial.

Com o advento da doença, São José transforma-se, com a chegada da rodovia e das indústrias, em Pólo Industrial e Centro Tecnológico. Todas estas mudanças são refletidas na paisagem urbana da cidade.

Segundo Paula da Cruz Landim,

“assim como a sociedade, a cidade não é um elemento estático, esta se atualiza por meio da construção de novos espaços e em razão de usos que são atribuídos aos lugares urbanos. Ela se vivifica mediante sua paisagem,

estabelecida pelo indivíduo que percebe o espaço urbano”. [6]

Idéia esta que se reforça nas palavras de Bernard Lepetit, quando o mesmo afirma que “a todo o momento, uma organização do território origina-se do conjunto de configurações anteriores. No jogo das atualizações sucessivas das formas passadas em combinações territoriais novas, as sociedades usam menos as possibilidades fornecidas por seu meio do que aquelas que a história lhes fornece”. [2]

Lepetit alerta a sociedade contemporânea sobre o equívoco do descarte das formas passadas, bem como seus elementos, em detrimento de novas formas que atentem para suas necessidades estruturais, e adverte:

“as sociedades urbanas não se alojam em conchas vazias encontradas por acaso: procedem continuamente a uma reatualização e a uma mudança de sentido das formas antigas. Elas se reinterpretam”. [2]

Em São José dos Campos, há de se atentar para a problemática de construções como o complexo do Sanatório Vicentina Aranha, um símbolo da fase sanatorial da cidade, que se encontra em processo de degradação. Assim como outro importante edifício do município ganha vida por sucessivas reutilizações ao longo dos anos (o Teatro São José nasce como espaço cultural, é utilizado como Câmara e Prefeitura e agora abriga a Biblioteca Municipal), há de pensar em formas de se conservar o sanatório.

Paula da Cruz Landim defende a idéia de preservar-se a história a partir de seus símbolos quando diz:

“Assim, a cidade pode ser lida e entendida por meio de sua história, na medida que essa história se encontra representada nesses elementos construídos que compõem a paisagem urbana. Aquilo que somos neste momento e aquilo que seremos a seguir dependem de uma infinidade de fatos que representam nossa história. Sem um passado não há expectativa de presente ou de futuro. Somente seremos capazes de realmente

apreender, entender e reconhecer a cidade por meio de sua paisagem se nesta estiverem presentes elementos remanescentes de outros tempos". [6]

Conclusão

O trabalho apresentado tem como objetivo contribuir, através da utilização de ferramentas e instrumentos de análise e percepção do espaço da cidade, bem como a compreensão de suas estruturas sociais, para uma valorização da cidade e de sua história, bem como atentar para a importância da preservação da memória joesense.

Desta forma, é válido afirmar que a manutenção de suas estruturas passadas, bem como a dos seus elementos, fazem-se necessárias para a manutenção da nossa identidade como cidade, e de certa forma o seu reconhecimento e compreensão serão parte de nossa memória.

As construções arquitetônicas do Sanatório Vicentina Aranha e do Teatro São José, o espaço cultural e econômico da Praça Afonso Pena, as Palmeiras Imperiais da avenida João Guilhermino, o busto de um antigo prefeito da cidade, todos esses elementos nos remetem à própria história da cidade, em suas diferentes fases.

Ao nos referirmos ao trabalho de Bernard Lepetit citado anteriormente, exatamente no capítulo onde o autor aborda a relação entre os espaços urbanos e a memória coletiva; no momento em que a velocidade das transformações faz com que os confrontos entre as formas de apreensão dos espaços estejam mais evidentes; sendo assim o presente se impõe ao passado não por uma importância que não seja pela sua utilidade atual sócio-econômica.[2]

No entanto, apesar "*das pedras e dos materiais não lhe opor resistências*", as mesmas estarão presentes ao menos em suas disposições antigas.

Desta forma, os hábitos sociais e os usos são posicionados de modo que parecem durar mais do que as formas, e já que todas as condutas de um grupo social são cristalizadas por hábitos, elas registram configurações espaciais passadas. As formas, por sua vez, registram antigas relações sociais, velhas condutas, hábitos enraizados em territórios ainda mais antigos.

Segundo o autor,

"o presente só tem sentido nas práticas que ritualizam concomitantemente, estruturas sociais e espaciais ultrapassadas, e é não tanto na esfera dos pesos temporais que na da memória que convém inscrever o espaço. Apenas a imagem do espaço, graças a sua estabilidade, é que nos dá a ilusão de não mudar através do tempo e de reencontrar o passado no presente, e é exatamente assim que se pode definir a memória".[2]

A cidade de São José dos Campos se insere nestas diversas situações relacionadas acima, e cabe ao viajante, como o Marco Pólo descrito na obra de Ítalo Calvino "As cidades invisíveis", o desafio de descrever, com seu olhar subjetivo e empírico, o que foi, o que é e o que será a cidade que o observador percorre, o que esta cidade tem a lhe dizer, seja através de suas construções, suas ruas, suas praças, suas avenidas, seus bustos ou os costumes de seus habitantes.

Referências

- CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 1990.
- LEPETIT, Bernard. Por uma nova história urbana. São Paulo. Editora Edusp, 1996.
- SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. Varia História. Minas Gerais. Editora UFMG, 1996.
- FERRARA, Lucrecia d'Aléssio. Ver a cidade: cidade, imagem, leitura. São Paulo. Editora Nobel, 1988.
- CANEVACCI, Máximo. A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo. Editora Nobel, 1993.
- LANDIM, Paula da Cruz. Desenho de paisagem urbana. São Paulo. Editora Edusp, 2003.